

A RECEPÇÃO CRÍTICA DA OBRA NATURALISTA HORTÊNCIA, DE MARQUES DE CARVALHO

THE CRITICAL RECEPTION OF THE NATURALISTIC WORK HORTÊNCIA, BY MARQUES DE CARVALHO

Germana Maria Araújo Sales
Doutora em Teoria Literária
Universidade Federal do Pará
(gmaa.sales@gmail.com)

Alan Victor Flor da Silva
Mestrando em Literatura Brasileira
Universidade Federal do Pará
(alan.flor@hotmail.com)

RESUMO: Além de escritor, o paraense João Marques de Carvalho (1866-1910) foi jornalista, político, diplomata e um dos principais idealizadores da Academia Paraense de Letras. Como autor de obras de ficção, experimentou diversos gêneros, aventurando-se como romancista, contista, poeta e teatrólogo. Mesmo apresentando uma vasta produção ficcional, o autor paraense não foi muito bem visto pela crítica literária, que não perdoou as supostas falhas de sua obra naturalista **Hortênci**a (1888). Esse romance, embora não seja muito conhecido pelo público leitor, até mesmo em Belém, capital do estado do Pará, onde foi publicado, já foi alvo de interesse de alguns críticos reconhecidos, como José Veríssimo, Sílvio Romero e Lúcia Miguel Pereira. Desde sua publicação até a contemporaneidade, a crítica literária vem denunciando as lacunas dessa narrativa. Considerando-se, principalmente, a importância do escritor paraense para o mundo das letras em Belém no final do período oitocentista, objetiva-se, com este trabalho, apresentar a recepção do romance naturalista **Hortênci**a pela crítica literária, desde o final século XIX até a primeira década do século XXI.

Palavras-chave: Marques de Carvalho; Hortênci;a; Recepção crítica

ABSTRACT: Besides being a writer, the Paraense João Marques de Carvalho (1866-1910) was also a journalist, a politician, a diplomat and one of the main idealizers of the Academia Paraense de Letras. As a fictional work writer, he tried out several genres, venturing as a novelist, a short story writer, a poet and a playwright. Even with a wide range of fictional production, Marques de Carvalho has never been in good standing by the literary criticism, which could not forgive the supposed faults in his naturalistic work **Hortênci**a (1888). Although this novel has not been well-known by the reading public, even in Belem, capital of Pará State, where it was published, the novel has already been the target of interest of some well-known critics such as: José Veríssimo, Sílvio Romero and Lúcia Miguel Pereira. Since its publication until its contemporaneity, the literary critic has been denouncing the gaps of this narrative. Considering, mainly, the importance of the Paraense writer to the world of the letters in Belém at the end of the XIX century, the purpose of this work is to present the reception of the naturalistic novel **Hortênci**a by the literary critic, since the end of the XIX century until the first decade of the XXI century.

Keywords: Marques de Carvalho; Hortênci;a; Critical reception

A crítica literária em foco: Marques de Carvalho e seu romance naturalista Hortência

Se indagarmos aos estudantes do Curso de graduação em Letras se conhecem o escritor paraense João Marques de Carvalho, certamente a resposta positiva virá de poucos, pois Marques de Carvalho não é um autor muito conhecido pelo público contemporâneo. Contudo, o desconhecimento não impediu que vários críticos se debruçassem sobre sua atuação como escritor de textos ficcionais. No total, encontramos oito apreciações críticas a respeito de sua obra naturalista, assinadas por Apolinário Moreira, Carmen Dolores Marçal Barreto da Rocha, Eidorfe Moreira, José Eustáquio de Azevedo, José Veríssimo, Lúcia Miguel Pereira, Paulo Maués Corrêa e Sílvio Romero.

Embora Marques de Carvalho tenha sido reconhecido apenas pelo romance **Hortência**, foram descobertas outras obras do mesmo gênero publicadas na coluna folhetim de periódicos que circularam em Belém do Pará no final do século XIX, como **A leviana: história de um coração**, publicada no jornal A Província do Pará, em 1885, e **O Pagé**, publicada no jornal A República, em 1887. Os comentários da crítica, entretanto, se dedicaram a analisar apenas o romance **Hortência**, obra de cunho naturalista que, segundo o próprio romancista, teve seu enredo baseado em fatos verídicos. Seus outros textos em prosa de ficção permanecem quase totalmente ignorados pelo público leitor e pelos críticos, à exceção de Paulo Maués Corrêa, autor de uma análise mítico-simbólica do conto **O banho da tapuia**. Esta narrativa encontra-se presente no livro **Contos do Norte**, publicado em 1900 (CORRÊA, 2007).

Além de Paulo Maués Corrêa, Carmen da Rocha realiza um apanhado geral de todos os contos de autoria do autor paraense, presentes nos livros **Contos Paraenses** (1889), **Entre as Ninfais** (1896) e **Contos do Norte** (1900), mas a autora analisa mais detidamente o romance naturalista **Hortência**. Por essa razão, não podemos considerar que os contos publicados nesses três livros tenham sido estudados satisfatoriamente.

Sobre os julgamentos acerca do romance **Hortência**, a maioria dos críticos não foi muito favorável. Apenas Apolinário Moreira, Carmen da Rocha e José Eustáquio de Azevedo apresentaram uma crítica positiva e reconheceram a

literariedade no romance. No entanto, entre esses três críticos, somente Carmen da Rocha se posiciona com argumentos consistentes e coerentes, enquanto que os demais se detiveram a formalizar um julgamento superficial.

Vale ressaltar que Marques de Carvalho, embora tenha sido autor de uma vasta produção ficcional, não é reconhecido pela crítica literária. Atualmente, pouco se sabe sobre sua produção literária no formato livro e menos ainda sobre aquela que circulou no espaço folhetim. Ademais, suas obras já não são reeditadas há muitos anos, sendo possível ainda encontrá-las esquecidas nas estantes das bibliotecas ou em sebos, provavelmente em estado de deterioração, em razão do desgaste promovido pelo tempo.

O apagamento da ficção produzida por Marques de Carvalho não se deveu somente às ações do tempo, pois a crítica literária, enfática em seus comentários desfavoráveis em relação ao romance **Hortência**, contribuiu também para que essa produção ficcional caísse no esquecimento.

Entre os críticos que refletiram sobre as falhas do romance **Hortência**, podemos citar José Veríssimo, crítico literário e jornalista paraense do século XIX, que, embora seja conterrâneo de Marques de Carvalho, ressaltou, sem eufemismos ou cordialidades, que não reconheceu essa produção ficcional como uma boa obra, como é possível comprovar na citação a seguir:

Não me é possível falar da Hortência, com a mesma isenção que tive com o Homem e com a Carne. Além de que seu autor parece ter recusado a crítica, como eu já disse e censurei, prendem-me a ele laços de camaradagem literária, que me obrigam a dar-me por suspeito. Direi entretanto e já, com toda franqueza que devo aos que me têm feito o favor de ler e ao Sr. Marques de Carvalho, que não gosto da Hortência.

Apesar de revelar um auspicioso talento de escritor, apesar de nos prometer um *conteur* encantador da escola Banville ou Guy de Maupassant, como aliás já o deixava perceber na *Alegria gaulesa* e em outros trabalhos, não obstante como arquitetura e intuição artística julgar o seu romance superior à *Carne*, não gosto dele e ligeiramente direi o porquê (VERÍSSIMO, 1978, p. 192).

Além de esclarecer que seu julgamento não se prende a laços de camaradagem literária, podemos perceber que o crítico paraense também não reconheceu a obra **Hortência** no mesmo nível de outras obras naturalistas, assim como **O Homem** e **A Carne**, respectivamente romances de autoria de Aluísio de

Azevedo e de Júlio Ribeiro.

As restrições de José Veríssimo ao romance de Marques de Carvalho não pararam apenas nesse comentário. O crítico afirmou que a obra **Hortência** é revestida de obscenidades e não passa de uma leitura equivocada do modelo naturalista de Émile Zola, um dos principais representantes do Naturalismo na França do final do século XIX. Nas palavras do crítico paraense,

O Sr. Marques de Carvalho confundiu na Hortência o naturalismo com Zola, falseou o seu talento, forçou a nota crua, não recuou diante das mais torpes obscenidades, reviveu a tradição simplesmente pornográfica dos livros cujos nomes nem é decente citar – e o seu livro, no qual uma leitura atenta reconhece aqui e ali um singular dote de narrador, não passa de uma cópia forçosamente pálida da maneira zolista (VERÍSSIMO, 1978, p. 194-195).

Assim como José Veríssimo, Eidorfe Moreira destacou que o autor da obra **Hortência** prendeu-se demais à estética naturalista ao retratar um caso de incesto entre os irmãos Hortência e Lourenço, descrevendo minuciosamente as cenas de relação sexual entre os dois. Para avaliar esse romance, o crítico compara o estilo literário de Marques de Carvalho ao de outros romancistas da mesma época, como Aluisio de Azevedo e Inglês de Souza. No excerto a seguir, por exemplo, Eidorfe Moreira considera Marques de Carvalho inferior ao romancista Inglês de Souza:

Se com O Coronel Sangrado e O Missionário, de Inglês de Souza, o Naturalismo ampliou e engrandeceu os quadros da vida interiorana da Amazônia, já fixados antes em História de um Pescador e em O Cacaulista, do mesmo autor, com Hortência houve mudança de quadro e de tema. Em vez do interior, a capital; em vez de rivalidades políticas e crises de consciência, um caso de incesto. Por ser inferior a Inglês de Souza como romancista, Marques de Carvalho ficou mais preso ao espírito e às tendências do movimento naturalista, que se notabilizou pelo destaque que deu aos aspectos naturais e biológicos do ser humano, sobretudo em relações ao sexo e aos seus reflexos preconceituosos. Em vez do homem e da mulher, o macho e a fêmea, e como tal o primado do instinto e do temperamento nos enfoques romanescos (MOREIRA, 1997, p. 15).

Outro ponto da crítica de Eidorfe Moreira recai sobre a temática retratada em sua obra, que não contribuiu para que o autor desenvolvesse uma narrativa com

um enredo complexo. É por esse motivo que Eidorfe Moreira afirma que **Hortência** não deveria ser considerada um romance e sim uma novela. Além disso, o crítico, embora não esclareça a razão, afirma que o autor paraense tinha vocação para produção de contos, conforme descreve no excerto abaixo:

O romance de Marques de Carvalho tem força, mas não tem densidade; e a própria simplicidade do enredo leva-nos a considerá-lo antes novela do que romance, embora tenhamos que respeitar e seguir a tradição quanto a esta última qualificação. Quando consideramos outras produções do autor, tem-se a impressão de que a sua vocação natural era para o conto, mas o gênero não lhe teria proporcionado os efeitos desejados no caso (MOREIRA, 1997, p. 15).

Ainda segundo Eidorfe Moreira, há mais uma falha no romance de Marques de Carvalho, como a apresentação simplista das personagens. De acordo com o crítico, a narrativa se prende excessivamente aos fatos e se exime em descrever com riqueza de detalhes suas personagens:

São flagrantes as falhas do romance, a começar pela apresentação um tanto simplista e extremada dos personagens: Lourenço, mulato mandrião e devasso; Hortência, sua irmã, alma cândida e piedosa, seduzida e pervertida pelo irmão, que sobre ela exerce uma influência diabólica, que ela acaba aceitando como obra do destino (MOREIRA, 1997, p. 11-12).

Em relação ao espaço, Belém é a cidade escolhida para servir de cenário da narrativa. Porém, segundo Eidorfe Moreira, esse espaço não recebe um tratamento apropriado de valorização, pois Marques de Carvalho não prestigiou as características peculiares da capital paraense, ao contrário de outros prosadores do Naturalismo, que ressaltaram as singularidades do espaço ficcional em que se passa o enredo de suas obras. O crítico ressentiu-se, por exemplo, com a ausência de uma referência às mangueiras, espécie de árvore característica da capital paraense, que fez com que Belém fosse conhecida popularmente como “A Cidade das Mangueiras”. Ademais, no que diz respeito à climatização, Eidorfe Moreira enfatiza que o romancista também não valorizou as chuvas torrenciais e o clima quente e úmido, características climáticas típicas de cidades tropicais como Belém.

Para ratificar sua análise acerca do espaço, Eidorfe Moreira compara a

obra **Hortência**, de Marques de Carvalho, com a obra **O Mulato**, de Aluísio de Azevedo. Para isso, afirma que, no romance naturalista paraense, Belém é somente o cenário em que o enredo se desenvolve, enquanto que São Luís, no romance alusiano, não atua apenas como cenário, mas também como personagem:

Belém não figura em *Hortência* do mesmo modo que São Luis em *O Mulato*. Há mais impregnação são-luisense no romance alusiano do que impregnação belenense no de Marques de Carvalho. Por isso, Belém nada mais é do que cenário em *Hortência*, enquanto que São Luis é cenário e personagem em *O Mulato* (MOREIRA, 1997, p. 18).

Além do cenário, as personagens também são alvo de observação. Sobre esse tópico, Sílvio Romero faz uma distinção entre as personagens femininas de romances naturalistas e avalia que Hortência não era inteligente e intrépida como as demais protagonistas de outras obras inseridas na mesma estética. O crítico ressalta que a heroína do romance de Marques de Carvalho julgava a condição infeliz na qual se encontrava como um fardo. Por essa razão, deixou-se levar pelo destino que lhe fora reservado, aceitando sua submissão aos desejos e às vontades do irmão Lourenço.

Portanto, Sílvio Romero julga que a personagem Hortência é inferior às heroínas dos demais romances naturalistas. Lenita, Ester e Magdá – respectivamente personagens das obras **A Carne**, de Júlio Ribeiro, **Cromo**, de Horácio de Carvalho, e **O Homem**, de Aluísio de Azevedo – são consideradas pelo crítico mais astutas, mais ambiciosas e mais ousadas que Hortência, conforme atesta o trecho a seguir:

Estas três heroínas desmancham-se em sonhos estapafúrdios, especialmente as duas últimas. Resta Hortência. Não era sábia como as outras; antes era uma pobre matuta rechonchuda e forte, boa candidata a mais de um homem...

A boa diaba, porém, de nervos equilibrados, tem um sonho horroroso, medonho, apocalíptico, só por ter ido a um hospital e conseguir lá um emprego!...

Se falta-lhe o elemento do preciosismo para aparentar-se às outras, tem o elemento sonho para agarrar-se a elas de unhas e dentes, e mais a facilidade alvar com que deixou-se deflorar por seu próprio irmão, que lhe fazia no caso o papel de mestre, não de ciência, mas de coisas da rua e das macaquices e geringonças de um circo de cavalinhos (ROMERO, 1978, p. 114).

Depois de José Veríssimo, Eidorfe Moreira e Sílvio Romero, as falhas da narrativa de Marques de Carvalho são ressaltadas também por Lúcia Miguel Pereira. A autora declara que o romance **Hortência** é uma experiência sem sucesso, construída a partir de uma ideia equivocada a respeito da estética naturalista, assim como ocorreu em outras obras publicadas no mesmo período, pertencentes à mesma estética. Conforme avalia Lúcia Miguel Pereira, os romancistas dessas narrativas acreditaram que a inserção de personagens movidas por seus instintos mais animalescos em seus romances era suficiente para que suas obras fossem condizentes com o movimento naturalista no Brasil.

O livro de Júlio Ribeiro e as tentativas frustradas de Horácio de Carvalho e Marques de Carvalho e tantos outros, não têm importância em si, mas demonstram como o naturalismo se prestou a fáceis falsificações. Ouvindo que a ciência moderna estabelecia a correlação entre os fenômenos físicos e morais, cuidaram, possuídos daquele ‘misticismo fisiológico’, denunciado por Brunetièrre nos seus colegas franceses, que provar essa unidade era a tarefa primordial; para desempenhá-las, tinham uma receita simples: apresentar criaturas governadas por instintos depravados (PEREIRA, 1988, p. 129).

Embora não tenha sido valorizado pelos principais críticos literários, Marques de Carvalho não teve apenas decepções com a recepção crítica de seu romance. O escritor recebeu elogios demasiados de José Eustáquio de Azevedo e de Apolinário Moreira. Os dois críticos, no entanto, não apresentam argumentos eficientes para sustentar seus posicionamentos positivos no que se refere à produção romanesca do autor paraense.

José Eustáquio de Azevedo, sem apresentar nenhuma argumentação plausível e consistente, restringiu-se apenas a encher a obra **Hortência** de elogios e louvores. Julgamos, por conseguinte, que não podemos confiar em sua apreciação crítica, que parece ter sido feita sem profundidade e discernimento, como podemos observar a seguir:

Marques de Carvalho atirava às barbas dos imperialistas as “Lavas” de seu cérebro e o “Sonho do monarca”, e mandava imprimir o seu livro “A Hortencia” como o porta-bandeira, na amazonia, da escola naturalista, provando ser um componente manejador do romance experimental, imbuido até a medula das leituras de Stendal e Zola. A sua prosa era fluente, cheia, natural.

A “Hortência” possui páginas magníficas, como as da descrição quando a heroína vai ao quarto mudar a roupa para ir procurar emprego na Santa Casa de Misericórdia; a narração, ao vivo, de uma função no Circo de Cavalinhos e outras páginas de incontestáveis belezas (AZEVEDO, 1990, p. 68).

É curioso, no entanto, que José Eustáquio de Azevedo tenha esboçado um julgamento tão positivo em relação à obra **Hortência**, uma vez que o crítico tinha bons motivos para censurá-la severamente, em razão da rivalidade literária que dividiu, no final do século XIX, os intelectuais das letras no estado do Pará em dois grupos. Eustáquio de Azevedo sempre esteve em oposição ao grupo liderado por Marques de Carvalho. Por essa razão, sua entrada para a Academia Paraense de Letras somente ocorreu no dia 27 de julho de 1929, quase trinta anos após a inauguração dessa associação de escritores paraenses, que foi implantada no dia 24 de janeiro de 1900 (AZEVEDO, 1918). Esse fato demonstra que Eustáquio de Azevedo não se prendeu às disputas literárias e aos julgamentos de outros autores daquele período, pois escreveu uma crítica, embora sem uma argumentação admissível, favorável à produção romanesca de seu opositor.

Apolinário Moreira, por sua vez, dirige uma crítica exagerada quando afirma que autores consagrados pelo cânone literário, como Émile Zola e Eça de Queirós, não se recusariam a assinar as páginas do romance naturalista de Marques de Carvalho, uma vez que, segundo o crítico, **Hortência** estaria no mesmo nível das obras desses dois romancistas estrangeiros. De acordo com o crítico,

Pioneiro, entre nós, da escola realista, Marques de Carvalho, em “Hortência”, traçou páginas que Zola e Eça não desdenhariam assinar. Dando a lume esse livro e prevendo a celeuma que o tartufinismo dos zoilos iria desencadear, assim, desassombradamente os previniu: “Não me intimidam as banalidades que hão de lançar-me os mesquinhos mercenários do baixo jornalismo: servir-me de poderoso incentivo para novos trabalhos. Só é discutido o homem de merecimento” (MOREIRA, 1952, p. 78).

Assim como Apolinário Moreira e Eustáquio de Azevedo, Carmen da Rocha esboça uma crítica favorável a Marques de Carvalho, realçada por uma argumentação mais consistente e coesa do que as apresentadas pelos dois críticos anteriores. No excerto a seguir, a autora avalia a maneira como a linguagem literária

é composta no romance **Hortência**:

Outro aspecto a ser retratado em relação a este romance de mulatos é o que se refere à linguagem. Há, por parte do narrador, um cuidado espontâneo, mas eficiente com a maneira de confeccionar seu texto. Vocabulário rico de termos regionais, muito bem mapeados e pesquisados, na edição em análise, por Eidorfe Moreira, sem haver, em nenhum momento, tentativa forçada de regionalizar a linguagem, ombreia com expressões adjetivadas eruditas, mostrando a competência estilística do autor inclusive em lidar com estruturas e preferências vocabulares próximas à lusitana (ROCHA, 2004, p. 115).

Conforme as análises apresentadas por diferentes estudiosos, podemos assegurar que Marques de Carvalho não passou despercebido pela crítica. Percebemos, entretanto, que os posicionamentos, de um modo geral, não foram favoráveis a Marques de Carvalho, como já foi referido anteriormente. Os críticos apontaram várias falhas presentes em sua obra **Hortência**, tais como a obscenidade na descrição das relações sexuais, sobretudo entre os irmãos Hortência e Lourenço; a escolha inadequada de um caso de incesto como temática da narrativa; a definição simplória das personagens principais; a ausência de densidade literária e de verossimilhança no enredo e a preocupação exagerada com a estética naturalista. Devemos, no entanto, reiterar que a crítica literária, de uma maneira geral, apenas contemplou seu único romance impresso em livro, enquanto que suas outras obras ainda não foram apreciadas pelos especialistas da área de estudos literários. É por essa razão que acreditamos que é precipitado avaliar a produção ficcional do autor paraense somente à luz de uma única obra, sem levar em conta seus poemas, seus contos e seus outros romances divulgados em periódicos.

Uma reflexão sobre a recepção crítica da obra naturalista Hortência, de Marques de Carvalho

Rer a crítica produzida em torno do romance **Hortência** nos permite um posicionamento avaliativo acerca das posições expostas, pois algumas apreciações críticas são impregnadas de preconceitos ou revelam uma ausência de argumentação sólida e coerente.

Para realizar uma reflexão a respeito dos julgamentos divulgados sobre a

obra naturalista **Hortência**, tomamos como base a apreciação crítica de Carmen da Rocha. A autora, ao contrário dos demais críticos, analisa o romance de Marques de Carvalho de uma forma positiva, fundamentada e minuciosa em seu trabalho **O olhar microscópico de Marques de Carvalho sobre o Pará do século XIX** (2004)¹.

Contraopondo-se ao julgamento de Eidorfe Moreira quanto à valorização da cidade de Belém, a autora afirma, em várias passagens de seu trabalho, que Marques de Carvalho soube aquilatar a paisagem belenense de uma maneira bem peculiar, valendo-se da riqueza de detalhes:

Verdadeiro painel de Belém que se aproxima de 1900 é apresentado ao leitor. Percorre-se a cidade de ponta a ponta: Cidade Velha a Marco-da-Légua, atual bairro do Marco, onde localiza, hoje, a feira da Bandeira Branca. Existe, pelo narrador, apuro detalhista na apresentação do espaço, criando-se, entre estes e as personagens, uma maneira peculiar de estar em um ambiente. (ROCHA, 2004, p. 75-76)

Talvez, para um estudo da cor local de Belém, no século XIX, um dos grandes momentos da literatura paraense seja Hortência. É impossível deixar de se impressionar com a competência do autor em revelar a capital na época. (ROCHA, 2004, p. 80)

Eficiente, verossímil, vivo e simbólico é o trabalho de Marques de Carvalho em relação ao espaço, em Hortência e em toda sua produção. Se o autor tivesse refutado as críticas à obra mais minuciosamente, este elemento narrativo seria um dos pontos chaves para provar equívocos avaliativos (ROCHA, 2004, p. 94).

Observamos que Carmen da Rocha apresenta um posicionamento adequado, com uma argumentação consistente em relação à contemplação da paisagem belenense oitocentista no romance **Hortência**, sendo possível concordar, nesse aspecto, com a autora. Para confirmar sua opinião, destacamos um fragmento do romance em que o narrador descreve a cidade de Belém no momento em que a personagem Hortência sai de casa à procura de emprego. O trecho refere-se à primeira vez em que é ressaltada a paisagem urbana da cidade de Belém:

Poderiam ser 9 horas do dia. Um resplendente sol jubiloso atravessava ufano as vastidões do infinito, cobertas dum imaculado

¹ Este trabalho é fruto de sua dissertação de mestrado defendida em 2003 pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

azul-claro, muito indefinido e vago, produtor de uma saudosa e doce tranquilidade do espírito. Às margens da estrada, em grandes trechos de terrenos desprovidos de construções, cobertos de baixos e úmidos matagais, farfalhavam misteriosamente viridantes ramarias bonitas, esvoaçavam borboletas de variadas matizes, zumbiam rumorejantes e traquinas insetos de asas transparentes e cintilantes dorsos.

Mulheres seguiam rua abaixo ou rua acima, conduzindo trouxas, balaios, baldes ou embrulhos. Alguns homens, brancos ou mulatos, caminhavam também apressados, de guarda-sol aberto, resguardando-se das ardências solares. Parecia andar pelo espaço um grande sopro animador de atividade operosa e benéfica, fermentadora de ocultos, desconhecidos germens de trabalho e restauração duma sociedade inteira: até as formigas andavam aos milhares pelo chão, entre a relva, à margem da estrada, numa ativa labutação de ganancioso, de avarento insaciável, que não está disposto a perder um só instante em uma alta reparadora de forças.

Os poucos prédios da estrada, do lado fronteiro àquele por onde seguia Hortência, estavam todos banhados de sol, apresentavam festiva aparência alegre, davam conforto e animação àquele formoso firmamento de verão livre de nuvens, unicamente repleto em toda a sua ilimitada extensão dos interminavelmente longos raios do sol, que parecia continuar impávido a marchar para o ocidente, em virtude da visível rotação da terra. E a par de tudo isto um perfume de eloendros e jasmíns do Cabo afluía do norte, com o vento, filtrando-se nas palpitantes narinas de Hortência (...).

Bem depressa chegou ao lado do cemitério da Soledade – muito sossegado e alegre, na paz dos seus túmulos de mármore, cobertos de musgo, todos inundados de sol, no meio de tufo de folhagens estreladas de flores variegadas em matizes (CARVALHO, 1997, p. 45-46).

Podemos observar que são definidos os passos de Hortência desde a saída de sua casa até a chegada ao hospital Santa Casa de Misericórdia, com uma descrição detalhada dos lugares e das pessoas que despertavam o interesse da personagem feminina em sua caminhada pelas ruas de Belém. Portanto, ainda que não haja um grande realce para a descrição climática e arbórea da capital paraense, fato que, segundo Eidorfe Moreira, compromete a literariedade do romance, não é possível afirmar que Marques de Carvalho não situou, adequadamente, a paisagem urbana da cidade de Belém no final do século XIX, nem tampouco que a ausência dos elementos naturais característicos da paisagem belenense compromete o valor estético do texto.

É possível que Eidorfe Moreira queira comparar o romance de Marques de Carvalho com a obra **O Mulato**, de Aluísio de Azevedo, principal representante do Naturalismo na Literatura Brasileira, pois Aluísio de Azevedo, nesse romance,

oferece uma descrição de São Luís densa e detalhista, ressaltando características condizentes com a real situação da cidade do Maranhão das últimas décadas do século XIX, de tal modo que a paisagem da capital maranhense é muito bem evidenciada. No seguinte excerto, há apenas um pequeno trecho do romance em que o narrador dedica-se a descrever o espaço em que a narrativa se passa:

Era um dia abafadiço e aborrecido. A pobre cidade de São Luís do Maranhão parecia entorpecida pelo calor. Quase que se não podia sair à rua: as pedras escaldavam; as vidraças e os lampiões faiscavam ao sol como enormes diamantes, as paredes tinham reverberações de prata polida; as folhas das árvores nem se mexiam; as carroças d'água passavam ruidosamente a todo o instante, abalando os prédios; e os aguadeiros, em mangas de camisa e pernas arregaçadas, invadiam sem-cerimônia as casas para encher as banheiras e os potes. Em certos pontos não se encontrava viva alma na rua; tudo estava concentrado, adormecido; só os pretos faziam as compras para o jantar ou andavam no ganho (AZEVEDO, 1991, p. 15).

O cenário descrito no romance **O Mulato** associa-se à imagem de degradação e de letargia, próprios ao movimento naturalista, enquanto que a narrativa de **Hortência** não alcança essa semelhança. Talvez seja por esse motivo que alguns críticos se ressentiram quando a colocaram em comparação com a obra que marca o início do Naturalismo no Brasil.

Além do cenário observado e criticado negativamente, outro ponto de arguição de Carmen da Rocha recai sobre o comentário de Eidorfe Moreira em relação à descrição simplória das personagens. Contrapondo-se mais uma vez ao julgamento do crítico, Carmen da Rocha defende que a maneira simples e extremada como as personagens são apresentadas em meio ao enredo da obra **Hortência** é uma qualidade:

Talvez a avaliação crítica tenha sido feita exatamente pela qualidade de apresentar personagens de maneira simples, por serem pessoas simples e circularem em meio igual. Observar-se-á aqui algum demérito em ver o povo humilde prestigiado visto não se poder relacionar a ele atitudes a atividades exóticas? Ou o romance passa a ideia de “*déjà vu*” por estarem esses seres em volta de nós tão cotidianamente que já não surpreendem?
A segunda hipótese é defendida neste trabalho (ROCHA, 2004, p. 110).

A autora ainda defende que as personagens do romance de Marques de Carvalho apresentam uma densidade psicológica:

As três personagens, através de suas sensações, mostram que o que era deles próprios diante do objeto, desapareceu, para dar lugar a outras, de insatisfação, porque se muda radicalmente, num processo vital incessante.

Registre-se que se está a fazer alusão ao tempo psicológico no nível da personagem e não no nível da narrativa como os exemplos iniciais.

Esta dualidade de tratamento enriquece a obra, dando agilidade narrativa, sem descuidar do aprofundamento psicológico da personagem (ROCHA, 2004, p. 110).

Embora a autora seja assertiva em considerar que as personagens do romance naturalista em foco apresentam uma simplicidade intrínseca, não há como asseverar que Marques de Carvalho explora profundamente o caráter psicológico de suas personagens.² Os conflitos de consciência de Hortência, por exemplo, diante do destino que lhe esperava, não podem ser considerados densos e minuciosos, pois Hortência, mergulhada em seu próprio pensamento, mostra-se conformada com o destino que lhe é reservado, como se comprova no excerto seguinte:

A rapariga sentia-se mal disposta, com uma pontinha de náusea remexendo-lhe o estômago, revoltada pelos excessos viris daquele insaciável macho que ali estava diante dela, a conversar naturalmente, olhando-a sem segundo-sentido, contando à mãe o que observara na mata e dando-lhe, a tal respeito, as impressões próprias com uma tranquilidade satisfeita de homem saciado de gozo, feliz no abastecimento. Passavam-lhe pela mente, ainda atônita, as peripécias do dia, no Marco-da-légua. E insensivelmente admirava-se do arrojo de Lourenço, da sua constância, da pertinência com que a desejara e solicitara até conseguir possuí-la de novo, em pleno ar, como as bestas-feras no cio, rolando pelo chão em paroxismos do gozo requintado. Não havia como fugir ao destino, representado naquele homem fatal, que sobre ela começava a exercer tão salientada preponderância. A sua sorte já estava traçada, com certeza, pelo poder que regula todos os movimentos humanos, independentemente da vontade. A sua superstição levantava-se mais uma vez cheia de força, vitoriosa e enervante, a dar-lhe uma compreensão piegas e desfalecida do futuro. Não poderia fugir ao domínio dessa força sobrenatural, que ela previa irresistível, a dispor livremente da sua existência. Que fazer? Havia

² Segundo Cândida Vilares Gancho, as personagens podem ser identificadas por meio de características físicas, psicológicas, sociais, ideológicas e morais. Quanto maior a variedade de peculiaridades, maior é a complexidade da personagem (GANCHO, 2006).

de resignar-se a tudo, numa passividade de inconsciente, obedecendo à disposição celestial da divindade. Agora, que possuía-a novamente o irmão, entregar-se-ia a ele, sem forças para reagir, perseguida como estava pelo pavor do incognoscível, da misteriosa superstição fanática e boçal que empolgava-a toda inteira, aprisionando-lhe o entendimento e a vontade. Fizesse o que Deus mandasse! (CARVALHO, 1997, p. 115-116).

Percebemos que há uma tentativa por parte do narrador em atribuir uma particularidade psicológica à personagem feminina central, que reflete sobre o êxito do irmão em conseguir possuí-la sexualmente pela segunda vez e sobre o fardo de seu destino irreversível. O narrador restringe-se a descrever, prendendo-se à questão sexual, com uma baixa densidade psicológica, o pensamento de Hortência em relação a Lourenço, o homem que, movido por seus instintos mais libidinosos, a deflorou, ressaltando-lhe, por conseguinte, a figura de macho, de homem-animal.

O narrador, portanto, não privilegiou intensamente na personagem Hortência questões ligadas aos conflitos internos e externos, aos questionamentos sobre as próprias atitudes, sobre seu comportamento e sobre a própria existência e às incertezas em relação ao passado, ao presente e ao futuro, fatores significativos para atribuir densidade psicológica às personagens em qualquer narrativa.

O modo como o narrador as descreve também contribui para que as personagens apresentem uma psicológica mediana. No excerto seguinte, o narrador faz a descrição de Lourenço, apreciando exclusivamente suas características físicas e seus atributos inalteráveis e invariáveis:

O filho, Lourenço, um rapagão de vinte cinco anos, de rosto severo e antipático, andava agora cozinhando em casa duns comerciantes, mas era um vadio consumado, um desses gênios essencialmente paraenses, voluptuoso, amigo da boa vida, dos dias inteiros passados na rede, abraçado à viola, tocando melopeias fáceis, acompanhadas pela monotonia do ranger dos esses nos ganchos das paredes. A mãe nunca pudera fazer dele um homem de bem. Os seus instintos prevaleciam sempre, mau grado os atuais conselhos da velha e as antigas surras com galho de cuieira, quando Lourenço era rapaz endiabrado e revelava perversidades negras, cheias de requintes maldosos (CARVALHO, 1997, p. 39-40).

Segundo os estudos de Beth Brait (2006) sobre as personagens de narrativas ficcionais, uma personagem plana é construída em torno de uma única ideia ou qualidade. De modo geral, pode ser definida em poucas palavras. Esse tipo

de personagem contrapõe-se à personagem redonda, que apresenta várias qualidades ou tendências e, por essa razão, suas características são revestidas de complexidade (BRAIT, 2006). É por essa razão, portanto, que o irmão mulato de Hortência, conforme construído no texto, não passa de uma personagem extremamente plana, pois suas ações e seus predicados não apresentam nenhum tipo de complexidade. Além disso, do mesmo modo como Lourenço é descrito pelo narrador, Hortência também o é. Suas características físicas e distintivas de filha dedicada e trabalhadora são muito bem destacadas, mas não oferecem um enredamento capaz de atribuir-lhe riqueza psicológica, como se pode conferir no trecho abaixo:

A filha, Hortência, tinha agora 15 anos, parecendo possuir vinte, no robusto desenvolvimento do seu corpo, da elevada estatura. A sua fisionomia era alegre, franca, simpática, habitualmente risonha. Olhos grandes e negros; tez fina, rosada, atraente. Era um desses espíritos inofensivos, que vêm tudo pela melhor face. Passava os dias a cantar, trabalhando valentemente com a mãe, levando roupa com os fortes braços metidos na barrela. Crescera sempre naquele meio operoso e adquirira na convivência com a mãe um intenso amor ao trabalho. Assim era que não podia estar quieta um instante: havia de estar sempre curvada sobre as tinas, ao sol, com os quadris partidos ao meio, as rotundades posteriores erguidas, todas sacudidas pelos movimentos dos braços. E cantava, e cantava modinhas populares, com a sua bem timbrada voz saudosa de pássaro aprisionado. Era um valioso elemento de auxílio à sua velha mãe, que lhe agradecia a cooperação com infinitas ternuras, com a sua amorosa predileção patrocinadora (CARVALHO, 1997, p. 40-41).

Ao comparar as descrições das personagens criadas por Marques de Carvalho com o personagem Raimundo do romance **O Mulato**, de Aluísio de Azevedo, observamos um extenso detalhamento:

Raimundo tinha vinte e seis anos e seria um tipo acabado de brasileiro se não foram os grandes olhos azuis, que puxara do pai. Cabelos muito pretos, lustrosos e crespos; tez morena e amulatada, mas fina; dentes claros que reluziam sob a negrura do bigode; estatura alta e elegante; pescoço largo, nariz direito e fronte espaçosa. A parte mais característica da sua fisionomia era os olhos — grandes, ramalhudos, cheios de sombras azuis; pestanas eriçadas e negras, pálpebras de um roxo vaporoso e úmido; as sobrancelhas, muito desenhadas no rosto, como a nanquim, faziam sobressair a frescura da epiderme, que, no lugar da barba raspada, lembrava os tons suaves e transparentes de uma aquarela sobre papel de arroz.

Tinha os gestos bem educados, sóbrios, despidos de pretensão, falava em voz baixa, distintamente sem armar ao efeito; vestia-se com seriedade e bom gosto; amava as artes, as ciências, a literatura e, um pouco menos, a política.

Em toda a sua vida, sempre longe da pátria, entre povos diversos, cheia de impressões diferentes, tomada de preocupações de estudos, jamais conseguira chegar a uma dedução lógica e satisfatória a respeito da sua procedência. Não sabia ao certo quais eram as circunstâncias em que viera ao mundo; não sabia a quem devia agradecer a vida e os bens de que dispunha. Lembrava-se, no entanto, de haver saído em pequeno do Brasil e podia jurar que nunca lhe faltara o necessário e até o supérfluo. Em Lisboa tinha ordem franca (AZEVEDO, 1991, p. 35).

Notamos que os traços físicos de Raimundo são mais esmiuçados e minuciosos, comparando-os às definições das personagens do romance **Hortêncio**. O narrador delinea desde as partes de seu corpo, como os olhos, os cabelos, a pele, os dentes, o bigode, a estatura, as pálpebras e as sobrancelhas, até as qualidades inflexíveis de Raimundo: educação, despretensão, elegância e inteligência. Somado a isso, o narrador não se exime em revelar os questionamentos e as incertezas da personagem acerca de sua própria procedência, de sua identidade e de sua posição no mundo, pois o mulato ignora a própria cor e a condição de filho de escrava, sentindo-se deslocado em razão das reservas que a alta sociedade de São Luís lhe faz. Tais impressões a respeito da personagem demonstram uma preocupação do narrador em salientar os aspectos psicológicos de Raimundo. No entanto, seu verdadeiro foco é a reconstituição de uma sociedade provinciana e escravocrata, fato que deixa em segundo plano a atribuição de densidade psicológica às personagens, de tal modo que elas não têm importância em si, porque apenas representam os grupos sociais dos quais fazem parte.

Assim como ocorre no romance aluisiano, a descrição da sociedade belenense oitocentista de baixa renda se sobrepõe à atribuição de complexidade psicológica às personagens de **Hortêncio**. Diante desse fato, entendemos que as descrições psicológicas das personagens não eram privilegiadas em romances naturalistas, pois o foco dessas obras estava dirigido para a ação dos personagens e suas implicações sociais.

O modo como os naturalistas analisaram a sociedade, portanto, refletiu-se em seus romances. Se os realistas preocupavam-se com a anatomia do caráter

alcançada por meio da investigação psicológica das personagens, razão que justifica a análise das particularidades psicológicas, morais e ideológicas, os naturalistas, influenciados pela observação científica, ressaltavam, no comportamento humano, traços do seu instinto, explorando temas como a sexualidade, o incesto, o desvio de conduta e o desequilíbrio emocional, criando personagens dominadas por seus impulsos e desejos. Então, de acordo com esse princípio, podemos asseverar que um autor naturalista não se detinha em análises psicológicas, pois sua principal finalidade era encarar o homem, levando em consideração sua dimensão biológica e patológica, seu envolvimento com um destino posto e invariável, sua determinação pelo meio em que vive e a submissão a ele. Geralmente, esses seres são vistos em situações de desequilíbrio exageradamente acentuado, cujas causas possíveis para justificar essa falta de direção são a zoomorfização, a instintividade, os desejos incontroláveis, os vícios, o condicionamento ao meio, a hereditariedade física e patológica e o desvio de conduta (CANDIDO & CASTELLO, 2008).

As considerações dos dois autores somam-se à apreciação de que as personagens dos dois romances naturalistas que foram cotejadas neste trabalho, assim como de qualquer outra obra da mesma estética literária, não são aprofundadas de abordagem psicológica, como afirma Carmen da Rocha em sua apreciação crítica.

Além de contestar Eidorfe Moreira em vários pontos em relação ao romance de Marques de Carvalho, Carmen da Rocha rebate também o julgamento de José Veríssimo:

Veríssimo afirma, com pessoalidade e sem nenhuma isenção crítica, não gostar de Hortência. Considera que a obra é uma má compreensão do Naturalismo e diz-se decepcionado em que tal produção venha do autor de *Alegria Gaulesa*. Segundo ele, há falta de talento, notas cruas forçadas e obscenas o que coloca a produção na mesma linha das pornográficas que nem citadas devem ser. O que teria, segundo o crítico, provocado esta leviandade literária? Nada mais do que a falha de supor que só existe verdade no torpe e citando Edmundo Scherer, crítico avançado e culto, volta ao tema de que a degradação humana não pode produzir obra literária. A arte pura tem a obrigação de respeitar o gosto e a decência não podendo chegar à ortodoxia de alguns discípulos zoolistas. Partindo para outro enfoque, existe a negação do valor da obra por ser, segundo o estudioso, inverossímil. A Santa Casa não contrataria uma enfermeira tão jovem e não existiria nos registros policiais paraenses referência a crime tão hediondo como o perpetrado por Lourenço contra a irmã amante por tão insignificante quantia.

Finaliza o estudo do crítico, a afirmação de que o meio retratado pelo romance não pode ser de interesse de pessoas cultas, pois não haveria destaque à ficção, particularidade alguma da vida belenense e/ou brasileira (ROCHA, 2004, p. 58).

É possível concordar com a consideração da autora, pois compreendemos que José Veríssimo apresenta uma visão preconceituosa a respeito da produção ficcional de seu conterrâneo, pois o crítico evidencia o caráter pornográfico da obra, a ausência de verossimilhança, a leitura equivocada do Naturalismo e a escolha inadequada da temática, uma vez que um caso de incesto, conforme supõe Veríssimo, não seria capaz de despertar o interesse das pessoas cultas.

O fato é que Marques de Carvalho não passou pela crítica literária, importante instância para a consagração de um autor e de uma obra. Aluísio de Azevedo, ao contrário, foi mais bem recebido, embora haja algumas ressalvas por parte dos críticos de literatura. Seu nome é citado por vários críticos reconhecidos e consagrados no Brasil, como, por exemplo, Alfredo Bosi (2006), Antonio Candido e José Aderaldo Castello (2008) e Lúcia Miguel Pereira (1988).

Alfredo Bosi, por exemplo, ressalva na obra de Aluísio de Azevedo a influência de Émile Zola e Eça de Queirós, a qual julga ser necessária para que uma obra naturalista seja bem-sucedida. Contudo, o crítico afirma que o escritor maranhense, embora tenha sido autor de bons romances, também foi o responsável por algumas obras de cunho comercial:

Em Aluísio de Azevedo a influência de Zola e Eça é palpável; e, quando não se sente, é mau sinal: o romancista virou produtor de folhetins. Aliás, trata-se de um caso raro e precoce de profissionalização literária: “Aluísio Azevedo – disse Valentim Magalhães – é no Brasil talvez o único escritor que ganha o pão exclusivamente à custa de sua pena, mas note-se que apenas ganha o pão: as letras no Brasil ainda não dão para a manteiga”. Essa luta com a pena pelo pão certamente explica o desnível entre seus romances sérios (*O Mulato*, *Casa de pensão*, *O Cortiço*) e os pastelões melodramáticos de “pura inspiração industrial”, no dizer de José Veríssimo (*Condessa Vésper*, *Girândola de Amores*, *A Mortalha de Alzira...*) (BOSI, 2006, p. 187-188).

Antonio Candido e José Aderaldo Castello também aludem ao desnível

citado por Alfredo Bosi entre os bons e os maus romances aluisianos. No entanto, como diferencial, os críticos fazem menção à importância que Aluísio de Azevedo oferece às reações e às particularidades da sociedade, a partir de suas personagens:

Nesse romancista avulta, pela primeira vez nas literaturas de língua portuguesa, o impressionante poder de dar vida e corpo aos agrupamentos humanos. Soube movimentá-los com perfeito domínio das situações, enquanto fixava as emoções particulares como traços de relevo das reações coletivas, em que o indivíduo se dissolve num todo amorfo. Além disso, tendo pesquisado, à maneira naturalista, tipos, fatos, situações em diferentes circunstâncias e camadas sociais, contou com um material de observação suficiente para dar ao seu romance uma categoria social de indiscutível valor e importância (CANDIDO & CASTELLO, 2008, p. 325).

Da mesma forma que os dois críticos anteriormente aludidos, Lúcia Miguel Pereira certifica que, em meio a todas as produções de Aluísio de Azevedo, as únicas que merecem interesse são **O Cortiço**, **O Mulato** e **Casa de Pensão**, lembrando que a primeira já é suficiente para lhe garantir uma posição prestigiada no cânone da Literatura Brasileira:

Assim, interrompida em plena maturidade, entremeada de romances fabricados tendo em vista apenas o lucro, a obra de Aluísio de Azevedo não realizou inteiramente a vocação de seu autor. Em dezesseis anos de atividade literária produziu doze romances, dez peças de teatro, que variam do drama à revista, um volume de contos, sem falar nas colaborações na imprensa. De tudo isso só ficaram *O Cortiço*, *O Mulato* e *Casa de Pensão*, sendo que destes apenas o primeiro é realmente um grande livro. Os outros, mesmo aqueles que fez caprichadamente como *O Homem*, *O Coruja*, *Filomena Borges* e *O livro de uma sogra*, são hoje, a bem dizer, ilegíveis. Mas *O Cortiço* basta para lhe assegurar a posição de primeiro plano na nossa literatura (PEREIRA, 1988, p. 142).

Considerando-se, portanto, os comentários da crítica literária sobre Aluísio de Azevedo, julgamos que não é plausível ainda afirmar que Marques de Carvalho não apresenta vocação para a carreira de escritor, pois alguns romances aluisianos, assim como o de Marques de Carvalho, também não mereceram elogios da crítica literária, de tal modo que não é possível, então, desconsiderar o restante de toda produção ficcional do escritor paraense apenas porque o romance

Hortência, de um modo geral, não foi atestado como obra literária pela instância da crítica.

Embora os críticos apenas tenham se debruçado sobre o romance naturalista **Hortênc**ia, outros textos ficcionais de autoria de Marques de Carvalho, tanto em prosa quanto em verso, tanto em livro quanto em jornal, ainda não circularam entre os leitores nem foram alvo de apreciação crítica. Além disso, acreditamos que muitos dos críticos como José Veríssimo, Sílvio Romero e Lúcia Miguel Pereira não foram condescendentes com a obra naturalista do romancista paraense.

Apesar de mais de um século sendo depreciada pela crítica literária de alto escalão, acreditamos que a obra **Hortênc**ia apresenta qualidades que passaram despercebidas pelos especialistas da área ou que foram vistas equivocadamente com maus olhos. Esse romance apresenta personagens que vivem no final do século XIX às margens do processo de desenvolvimento urbano da capital paraense. Em razão da comercialização do látex, Belém foi palco de transformações culturais, políticas, econômicas, intelectuais, arquitetônicas e urbanísticas. Porém, a população de baixa renda não tinha condições de usufruir das vantagens proporcionadas pelos excedentes da borracha. É por essa razão que a capital paraense apresentava uma paisagem dicotômica. Por um lado, havia um centro urbano desenvolvido e moderno e, por outro, havia várias periferias, onde habitava a população segregada desse processo de urbanização.

É nesse cenário suburbano da cidade de Belém do final do século XIX que os principais personagens vivem – Hortência, personagem que dá título ao romance, juntamente com a mãe – d. Maria – e o irmão – Lourenço. Os três moravam em uma pequena e humilde choupana de barro cujo teto era de palha seca e cujos móveis eram velhos e escassos. Além disso, a mãe de Hortência ganhava a vida e sustentava a casa e os filhos sendo lavadeira, profissão que exercia há trinta e cinco anos.

Nesse sentido, podemos afirmar que o romance de Marques de Carvalho denuncia uma parcela da sociedade belenense excluída do processo de desenvolvimento pelo qual a metrópole da Amazônia estava passando, em razão do capital excedente da economia gomífera. A obra **Hortênc**ia, portanto, representa um lado de uma cidade de Belém decadente e abandonada e uma parte da sociedade

marginalizada e esquecida.

Referências

AZEVEDO, A. de. **O Mulato**. São Paulo: Ática, 1991.

AZEVEDO, J. E. de. **Antologia Amazônica**. Belém: Livraria Carioca Editora, 1918.

_____. **Literatura Paraense**. Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves; Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

BRAIT, B. **A personagem**. São Paulo: Ática, 2006.

CANDIDO, A; CASTELLO, J. A. **Presença da literatura brasileira: das origens ao realismo: história e antologia**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

CARVALHO, M. de. **Hortência**. Belém: Cejup/Secult, 1997.

CORRÊA, P. M. Leitura mítico-simbólica d'O banho de tapuia, de Marques de Carvalho. In: CORRÊA, P. M.; FERNANDES, J. G. dos S. (org.). **Estudos de literatura da Amazônia: Prosadores paraenses**. Belém: Paka-Taku/EDUFPA, 2007. p. 35-53.

GANCHÓ, C. V. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2006.

MOREIRA, A. O último discurso acadêmico. **Revista da Academia Paraense de Letras**, Belém, ano 1, n. 2, jan. 1952.

MOREIRA, E. O primeiro romance belenense. In: CARVALHO, M. de. **Hortência**. Belém: Cejup/Secult, 1997. p. 11-18.

PEREIRA, L. M. **Prosa de ficção (de 1870 a 1920): história da literatura brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

ROCHA, C. D. M. B. da. **O olhar microscópico de Marques de Carvalho sobre o Pará do século XIX**. Belém: Prêmio Samuel Wallace Mac-Dowell; Academia Paraense de Letras, 2004.

ROMERO, S. A literatura em perspectiva. In: CANDIDO, A. (org.). **Sílvio Romero: teoria, crítica e história literária**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: EDUSP, 1978. p. 103-126.

VERÍSSIMO, J. O romance naturalista no Brasil. In: BARBOSA, J. A. (Org.). **José Veríssimo: teoria, crítica e história literária**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: EDUSP, 1978. p. 179-202.